

Núcleo de Educação Popular 13 de Maio - São Paulo, SP
CRÍTICA SEMANAL DA ECONOMIA

EDIÇÃO 1307 1308 – Ano 30; 2ª e 3ª Semanas Agosto 2016.

Breaking Bad (Temp.1 Ep. 13) **EUA: produção industrial acima do esperado**

JOSE MARTINS.

Engels dizia que as boas crises econômicas acontecem sempre quando a gente menos espera. É verdade. Nada mais traiçoeiro para um especialista em necrologia do capital que o vai-e-vem do ciclo econômico. Quando até o champanhe já estava comprado para comemorar o início de mais um período de crise, vem a notícia que a festa teve que ser adiada. Não cancelada, adiada. A festa vai acontecer, mas quem marca a data com precisão é sempre o capital. Esse aviso e essa lição foram dados claramente no relatório do *Federal Reserve Bank* (Fed, banco central dos EUA) publicado nesta terça-feira (16).

Relatam os economistas do Fed que a *produção industrial norte-americana de bens duráveis* cresceu 0.6% no mês de Julho/2016 frente ao mês anterior. É o segundo mês seguido que ocorre expansão desta indústria de ponta do planeta. Em Junho já havia crescido 0.9%. É uma massa de valor e de mais-valor para ninguém botar defeito. Existe a possibilidade da indústria reguladora do mercado mundial ter arremetido do pouso forçado e entrado em novo período de aceleração nos próximos trimestres? Livre para voar novamente? Se isso se confirmasse as demais economias integradas ao carrossel global receberiam inesperado impulso para estabilizar e crescer. Inclusive pacientes terminais como Brasil, Argentina, Turquia, China...

Essa remota possibilidade animou os economistas do mercado. Para eles isso já está acontecendo: “**Indicadores Apontam Aceleração da Economia** – O crescimento econômico nos EUA está acelerando, como mostram os ganhos na produção industrial e na construção de casas. O Fed informou que a produção industrial cresceu 0.7% em julho, depois de registrar ganho de 0.4% em junho, em mais um sinal de estabilização do setor no segundo semestre. Esse avanço foi atribuído ao aumento de 0.5% na produção manufatureira, a maior desde julho de 2015, com ajuda da alta de mais de 1% na produção de veículos e autopeças e de madeira.” (Bloomberg/Valor Econômico, 17/08/2016). Porém, observação mais cuidadosa dos números pode esfriar esse entusiasmo. Vamos a eles.

EUA: produção industrial no atual ciclo econômico (2009/2016); variação % anualizada.

SETOR	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2015 4º T	2016 1º T	2016 2º T
Bens duráveis	- 9.0	12.2	5.2	4.0	2.5	3.3	- 0.7	- 1.4	- 0.1	0.7
Automóveis	2.3	15.5	11.1	6.8	10.1	6.4	5.1	10.1	6.4	5.1
Máquinas	- 18.0	21.5	9.8	2.7	-5.0	3.9	- 5.0	- 10.5	-11.7	11.0

Fonte: Federal Reserve Bank of New York.

No período 2010-2014 a economia reguladora do sistema global recuperou-se fortemente do ponto mais baixo do último choque (2009). Com elevadas taxas anuais nos cinco anos seguintes à crise. Taxas médias de mais de 5% ao ano. A maior potência industrial do planeta crescendo a taxas chinesas. Isso pode ser observado com mais nitidez na expansão da produção de **automóveis** e de **máquinas**, os dois ramos mais cíclicos da indústria como um todo. Evitou-se assim a transformação da crise parcial (2008/2009) em crise geral, quer dizer, catastrófica.

Observa-se então que não houve nem sombra de estagnação depois da crise. Nem mesmo discreto ou fraco crescimento, como os economistas costumam caracterizar este período de expansão cíclica. Esses distintos cidadãos precisam aprender a ler os números ou pelo menos observar o dia a dia dos negócios. Acontece que sem esse notável *sprint* de produção do capital o sistema teria colapsado em 2010. A dinâmica cíclica real que se desenrola sob nossos olhos comprova rigorosamente a atualidade da teoria de Marx sobre as crises cíclicas e periódicas do capital.

Dialeticamente, o elevado volume da produção industrial dos EUA no período observado corresponde ao mesmo tempo a uma nova e potencialmente mais forte superprodução de capital. Uma **pletora de capital**. Esta última começa a se manifestar nos números da produção em 2015, com a primeira queda anual (- 0.7%) desde 2009. O limite do capital é o próprio capital. Mas não se deve confundir a superprodução de capital com a própria explosão da crise. São coisas diferentes. Duas coisas organicamente relacionadas não quer dizer que elas sejam iguais. A não observância dessa diferença leva alguns impacientes marxistas universitários a decretarem que a crise já começou em 2014! O capital já está há dois anos em crise? E não eclipsou? Nem um mísero *Lehman Brothers* para contar a história? Precisavam pelo menos avisar aos desinformados capitalistas que continuam agindo e acumulando com a maior naturalidade do mundo. Dizer que o capital está em crise há mais de dois anos e nada tenha mudado em Wall Street neste período – a não ser a valorização recorde dos últimos setenta anos das ações e outros títulos de propriedade dos meios de produção – é o mesmo que dizer que o capital se mantém em crise desde a última crise parcial de 2008/2009. Ou, partindo desta absurda inobservância da realidade capitalista, dizer extensivamente que o capital pode viver impunemente em crise permanente – o que é uma grande asneira teórica com terríveis consequências práticas para a classe trabalhadora.

A mesma pletora de capital do período atual de expansão pode ser observada nos dois “ramos cíclicos” salientados na tabela acima. O ramo de autos e autopeças apresenta maior sincronicidade com a totalidade da indústria que o de máquinas. Após cinco anos de bombásticos índices de expansão média anual de aproximadamente 10%, a produção de automóveis desacelera na passagem de 2014 para 2015. Em 2015, o número de veículos produzidos (automóveis e caminhões) alcançou a média recorde de todos os tempos de 12,11 milhões de unidades. Nos dois primeiros trimestres de 2016, permanece rigorosamente estagnada (11,98 milhões no 2º Tr.). Superprodução plainando em forte expansão do crédito ao consumidor e endividamento das empresas

montadoras. Exatamente igual a ciclos anteriores. Não se sustenta por muito tempo. Não basta realizar a massa de mercadorias, há que se realizar determinado preço de produção e correspondente taxa de lucro média operacional. Aumentar a demanda pelo produto não aumenta a demanda pelo capital. Não evita a crise periódica de superprodução de capital. Intensificar as ações macroeconômicas (fiscais, monetárias, etc.) para estabilizar o crescimento (ou queda) do produto é apenas uma forma de prorrogar e, ao mesmo tempo, de potencializar revolucionariamente a inevitável explosão que se aproxima.

Mesmo que Mrs. Janet Yellen e seus colegas do Fed não elevem a taxa básica de juros na sua próxima reunião de Setembro do comitê monetário, o que deve acontecer, essa mágica financeira de endividamento das empresas capitalistas e dos confiantes consumidores de bens de luxo também não dura muito tempo. É claro que se eles decidirem elevar a taxa básica de juros, só para mostrar que o Fed ainda existe, o castelo de cartas pode desabar alguns trimestres antes que a própria natureza das coisas aja por conta própria. São essas ações exógenas dos capitalistas (políticas e geopolíticas) que determinam maior ou menor elasticidade do período de expansão de um ciclo econômico. É nesta tensa relação entre produção e realização do capital – dramatizando e tendendo rapidamente à explosão no final de mais um período de superprodução – que se apresentou esse inesperado “ponto fora da linha” de significativa expansão da produção industrial nos dois últimos meses. Que seja benvinda. E viva a dialética das coisas. Quanto mais avança a superprodução atual mais esplendorosa será a próxima explosão. É por isso que não há nenhum motivo para se preocupar ou se impacientar com o fato que ela está demorando mais do que se imaginava.